

## GERAÇÃO PÓS PANDÊMICA: COMO FICAM OS LAÇOS SOCIAIS COM A ESCOLA?

Aline Araújo Lewenkopf<sup>1</sup>  
Claudia Braga de Andrade<sup>6</sup>

### RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão sobre o retorno dos adolescentes às escolas pós-pandemia, investigando as mudanças decorrentes deste interstício pandêmico no cotidiano escolar, visto a importância do papel da escola diante da transição que a adolescência representa para a constituição psíquica do sujeito. A partir da experiência de uma pesquisa extensão em uma escola com estudantes do Ensino Médio, buscamos compreender o aumento do mal-estar e sofrimento psíquico dos estudantes e os efeitos que esse período causou na saúde mental deles, assim como os possíveis impactos no laço social entre esses jovens e a escola após a pandemia. A pesquisa também buscou abordar o impacto do distanciamento social, do ensino remoto e das restrições escolares nos modos de subjetivação e no contexto educacional, além de também analisar a dimensão da temporalidade, subjetiva e cronológica, tanto da própria da adolescência quanto da escola e da pandemia que atravessaram todo esse contexto. Por fim, buscou-se identificar as estratégias para promover a reconstrução de laços sociais saudáveis e significativos no ambiente escolar pós-pandêmico. O trabalho ficou dividido em 3 partes: tempo subjetivo, laços com a escola e laços horizontais. Essa pesquisa está articulada ao projeto - laço social, modos de subjetivação e educação, que investiga o mal-estar dos estudantes adolescentes e o laço educativo nos contextos contemporâneos e utilizou os registros das atividades realizadas, ao longo do ano de 2022, pelo Projeto de Extensão “Da escola à universidade: escutando o mal-estar” que é formado por uma parceria entre a UNIRIO, UFF e UFRJ, e do LAPSE - Diretório de Pesquisa, Psicanálise, Educação e Laço Social e que oferece oficinas para o público de estudantes adolescentes matriculados em uma escola pública localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** adolescência, escola, temporalidade, laços-sociais, pós-pandemia

### INTRODUÇÃO

Durante a pandemia do COVID-19, o chamado “chão da escola” deixou de existir. Esse espaço que antes já trazia consigo o reflexo de inúmeros problemas sociais não estava presente entre os jovens estudantes para garantir-lhes alguma aprendizagem, alimentação e convívio com seus pares.

De acordo com o Censo Escolar do 2021, desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de Ensino Básico espalhadas pelo Brasil, a fim de evitar a propagação do

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- RJ, [alinelewenkopf@gmail.com](mailto:alinelewenkopf@gmail.com);

<sup>6</sup> Professor orientador: Professora Adjunto, Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- RJ, [claudiabragaandrade@gmail.com](mailto:claudiabragaandrade@gmail.com)

coronavírus (INEP, 2021). A pandemia da Covid-19 impôs assim, uma forma de viver bastante peculiar, na qual as escolas deixaram de ser espaços centrais e cotidianos para crianças e adolescentes.

No contexto do processo ensino-aprendizagem, as escolas precisaram reagir rapidamente para adaptar as suas práticas pedagógicas. Diversos recursos tecnológicos foram utilizados, para que as escolas não parassem. De modo bastante distinto e inédito, a pandemia trouxe a escola literalmente para dentro de casa de forma remota, fosse através de encontros virtuais on-line ou através das apostilas de exercícios no papel.

Não havia mais o pátio, a escada e a correria. Algo do laço geográfico e afetivo com o lugar se perdeu. Ficaram em suspenso as relações entre professor-aluno, amigos e das escolas com as famílias dos alunos. A enorme diferença social se impôs, separando os que puderam ter acesso à internet, às tecnologias e condições mínimas do trabalho escolar em casa, dos que tiveram esse tempo escolar “roubado”, passando esse período de forma extremamente precarizada.

De fato, essas soluções emergenciais, quando existiram, de forma minimamente eficiente, não afastaram esses jovens das diferentes fontes de sofrimentos que se acentuaram, ainda mais durante esse período, como: desemprego, empobrecimento, exposição à violência doméstica, ambiente familiar conturbado e moradias pequenas, acarretando a escassez de meios e espaço para estudar, ausência de privacidade, isolamento social e luto entre outros. Segundo Oliveira et al., “verificou-se que a pandemia e as medidas sanitárias adotadas para controlar a contaminação são associadas a problemas de saúde mental em adolescentes. Especificamente, os adolescentes têm vivenciado de forma negativa as medidas de distanciamento social e fechamento das escolas” (Oliveira, et al., 2020, p.1).

No ano 2022, adentramos a uma nova realidade: o ensino voltou a ser 100% presencial e as escolas precisaram reagir rapidamente para adaptar as suas práticas pedagógicas. Tudo havia voltado ao “normal”, mas o alto índice de sofrimento psíquico entre jovens que já era considerado uma questão de saúde pública (MACHADO, 2019), foi agravado depois da pandemia.

Diante dessa realidade, era importante perceber que a retomada das atividades escolares não poderia ser vista apenas como um retorno à rotina anterior. Era necessário reconhecer que com a brusca interrupção da rotina escolar, muitos laços ainda não haviam se formado ou haviam sido desfeitos durante esse período de isolamento, portanto, seria

imprescindível, trabalhar na capacidade e desejo de reconstrução dessas relações e no fortalecimento de um ambiente culturalmente saudável na escola.

Este trabalho tem como objetivo, investigar as mudanças decorrentes da pandemia de Covid-19 no cotidiano escolar, com ênfase no aumento do mal-estar e sofrimento psíquico dos estudantes, bem como nos possíveis impactos do laço social entre eles e a escola após a pandemia. Acreditando ser fundamental compreender os efeitos dessas mudanças no bem-estar emocional dos estudantes, a pesquisa buscou abordar o impacto do distanciamento social, do ensino remoto e das restrições escolares nesses jovens, além de identificar estratégias para promover a reconstrução de laços sociais saudáveis e significativos no ambiente escolar pós-pandêmico, visando à saúde mental e ao bem-estar dos estudantes.

## **METODOLOGIA**

A investigação resultou de uma extensa análise dos estudos e pesquisas publicados no Scielo e Google Acadêmico, com foco em buscas a partir do ano de 2021, relacionadas ao tema do estudo e seus impactos. Ao mesmo tempo, para aprofundar conceitos essenciais e promover discussões mais amplas, foram realizadas leituras e sistematização de textos indicados pela orientação. Além disso, foram analisados os registros das atividades de extensão do projeto "Da Escola à Universidade", uma parceria entre a UNIRIO, UFF e UFRJ, e do LAPSE - Diretório de Pesquisa, Psicanálise, Educação e Laço Social. Essas atividades, foram realizadas ao longo do ano de 2022, através de encontros, dinâmicas e rodas de conversas com estudantes adolescentes de 5 turmas do ensino médio, de uma escola localizada na zona sul do Rio de Janeiro.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa foi articulada e sistematizada em três eixos de análise e reflexão: tempo subjetivo, laços com a escola e laços horizontais.

O tempo subjetivo: Birman, em seu livro, *Trauma na pandemia do coronavírus (2021)*, sugeriu que “o século XXI teve seu início com a eclosão da COVID-19 e não na sua estrita cronologia” e acrescentou ainda que, “a emergência histórica de uma

descontinuidade, teria potência radical de transformar nossas formas de vida e de sociabilidade” (Birman, 2021, p. 65,66).

Essa distorção da passagem do tempo provocada pela pandemia, embora tenha sido vivida por todos, afetou cada indivíduo ou grupo de indivíduos de formas muito distintas. Em (2012), Birman afirmou que “a leitura correta das formas de mal-estar na contemporaneidade é o leme que nos indica uma direção segura para as transformações” e eu acrescentaria que para o tratamento do mal-estar (Birman, 2012, p 55).

Durante os encontros propostos pelo projeto de extensão, voltados para adolescentes, foi possível identificar, em algumas das falas, distorções na cronologia do tempo e das vivências perdidas. Essas distorções revelaram que, embora a experiência de reclusão não possa ser considerada como única causa, ela potencializou traumas, desamparo e sofrimento psíquico nesses jovens. Os registros apontam que, quando questionados sobre, como se identificavam a apenas dois anos, antes do início da pandemia, eles traziam relatos comoventes que remetiam à sua infância, demonstrando uma necessidade em manter um fio condutor com esse período ou da dificuldade de perceber as mudanças subjetivas. Outro ponto observado, foi que ao falarem de si próprios, suas narrativas, partiam de pessoas da família. A adolescência não é apenas um período cronológico ou um estágio de desenvolvimento humano. O adolescente, apesar de estar entre um momento de transição entre a infância e a vida adulta, é um sujeito com questões e demandas próprias da sua personalidade, do seu tempo e meio social.

O fato desses jovens terem ficado tanto tempo em casa orbitando ao redor da família e na impossibilidade de buscarem um novo referencial devido ao isolamento, provocou nessa geração pós-pandêmica, uma parcial desaceleração do processo de ruptura do referencial parental. Em seus relatos, ficaram perceptíveis, como as mudanças estavam sendo mapeadas por cada um deles. Como cada um percebia essa ideia de ruptura e de que forma esse tempo subjetivo vinha gerando conflitos com os familiares, na escola e com eles próprios diante do seu tempo de ser adolescente. Neste cenário, se torna crucial que a escola, considere essa dinâmica familiar e individual decorridas durante esse período e busque por estratégias que estimulem a autonomia e a construção de novas referências e relações na volta às atividades escolares.

“(…). A escola nunca deve esquecer que ela tem que lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demonstrarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis. “A escola não pode adjudicar-se o caráter de vida: ela não deve pretender ser mais do que uma maneira de vida” (FREUD, 1910/1996, P.245)

Laços com a escola - Não é de hoje que a educação pública no Brasil é desvalorizada. A partir da década de 1990, o processo de democratização ao acesso da classe popular à escola pública foi concebido de forma associada à privatização das políticas educacionais, que carregadas de ideologias neoliberais, impuseram seus valores aos currículos e ao fomento, ampliando dessa forma a desigualdade no ensino. Com isso, a experiência escolar dessa classe, que antes tinha o seu acesso restrito a educação, cresceu, mas de forma modulada pelos valores neoliberais. A falta de apoio instrumental e psicológico aos professores e alunos durante e após o período remoto, foi totalmente incompatível a pressão por resultados, tanto para as escolas que necessitam apresentar número de matriculados e desempenho para receberem verbas do Estado, como para os estudantes que projetam o fracasso do seu desempenho escolar ao fracasso do seu futuro. “A escola faz parte da totalidade da sociedade; portanto, ao ampliar o acesso da classe popular ao universo escolar, as expressões da questão social são expostas com maior evidência nesse espaço e interferem sobremaneira na condição de permanência e sucesso desses estudantes” (DAVID et al., 2015, p. 224).

Em 2019, foi promulgada a lei que garante atendimento psicológico a alunos de escolas públicas. Segundo essa lei, nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, as instituições de educação básica das redes públicas de ensino deveriam contratar psicólogos e assistentes sociais em até um ano após sua implementação, a partir de 2020. De acordo com informações do portal de notícias da Câmara Legislativa Federal, até aquele momento (29/05/2023), apenas 85 municípios haviam cumprido a legislação da implantação da lei 13.935/19. Isso se devia, em grande parte, a questões relativas ao orçamento.

Em 2022, as aulas da rede estadual no Rio de Janeiro, iniciaram na última semana de fevereiro. Entretanto no mês de abril, o grupo de extensão da UNIRIO, ao entrar pela primeira vez na escola para uma reunião relatou que as paredes da escola estavam vazias, os murais nos corredores e salas de aula da escola não indicavam nenhuma “pista” dos que ocupavam aquele espaço, exceto pelos seus corpos e mochilas.

A falta de uma maior conexão entre os estudantes com a escola era ainda agravada pela falta de perspectiva, percebida pelos jovens, a respeito do papel da escola como um fator de ascensão social e econômica. No retorno das atividades presenciais, esse valor social deveria ter sido uma premissa transversal a todas as disciplinas e ações da escola. No entanto, acabou sendo mais um foco de ansiedade para os alunos, gerando neles um sentimento de fracasso pela impossibilidade de torná-los competitivo ao deixar esse espaço. A escola não oferecia atividades extracurriculares onde eles pudessem se expressar mais livremente. Até as aulas de educação física que poderiam proporcionar-lhes um momento diferenciado, não aconteciam, devido à falta de professor ou quando aconteciam, não eram uma experiência agradável. Em boa parte das narrativas, a escola é apontada pelos alunos, como o lugar do cansaço, tédio, desespero, pressão, fome, medo entre outros. Mas também na mesma proporção é reconhecida como o local de refúgio, socialização ou nas palavras de um dos jovens da escola, “um lugar onde eu posso ser eu”.

As escolas, na ocasião do retorno às atividades presenciais, deveriam ter passado por mudanças significativas visando atender as demandas emergentes. Medidas como: ressignificar os espaços físicos para atender os requisitos iniciais de distanciamento social, criar medidas que promovessem o bem-estar psicológico dos estudantes e professores e a busca por caminhos que apoiassem o desafio educacional após dois anos de pandemia, seriam necessárias. Lamentavelmente, para as instituições públicas, o cumprimento dessas ações baseadas nesses três pilares fundamentais ao contexto pós-pandêmico, não foi possível de ser executado ou foi exíguo.

Laços horizontais - É na adolescência, que mais fortemente se dá a busca pela autonomia, se sente a pressão social e a descoberta da sexualidade. Ao mesmo tempo que é comum o distanciamento dos pais, ocorre a aproximação com os pares e outros referenciais, como professores, digitais influencers, famosos etc. Com isso, as mudanças enfrentadas pelos adolescentes perpassam por profundas agitações psíquicas associadas com suas subjetividades de encontro às exigências da sociedade ocidental contemporânea, que com frequência inibem a espontaneidade, a qual se move para atingir uma estabilidade do Eu e ordenamento das pulsões (BLOS, 1998). A dificuldade dos adultos, pais e professores em lidar com esses sujeitos de características tão desafiadoras, faz com que frequentemente as necessidades dos adolescentes sejam relativizadas e

tratadas como sendo apenas uma fase que vai passar e que dessa forma não deva ser levada muito à sério.

É nesse contexto que os laços horizontais se tornam ainda mais importantes, pois é onde o adolescente se sente representado e amparado. É onde ele reconhece seu lugar como sujeito. É um “[...] lugar de passagem, de contestação, de simbolização da lei, e legitimação de experiências de liberdade.” (COUTINHO, 2005, p. 22). Os laços sociais, não se estabelecem de forma tão imediata. Eles são construídos. Em 2020, a turma de primeiro ano do ensino médio havia recém ingressado em uma nova escola e com apenas uma semana de aula, tivera suas atividades interrompidas devido a pandemia. Retornando à escola, já na qualidade de alunos do último ano do ensino médio, após dois anos de confinamento, precisaram enfrentar todas as pressões comuns aos alunos dessa série, com isso, esses adolescentes, além da necessidade de estruturar seus pensamentos e emoções, precisavam ser reconectados uns aos outros. Fazer a “palavra circular” ajudaria a fortalecer essas relações.

A escuta psicanalítica baseia-se em dois princípios básicos estabelecidos por Sigmund Freud (1996b), sendo eles o convite à livre associação de ideias por parte do sujeito falante, e a atenção flutuante, da parte daquele que escuta. Tais condições, básicas para toda análise, mostram-se suficientes para que o sujeito encontre sua maneira própria de engajar-se no convite que lhe é endereçado. Pois bem, na conversação o espaço está aberto para essa mesma lógica associativa, mas espera-se que ela ocorra na coletividade. Nesse sentido, é papel do animador da conversação fazer com que a palavra de cada sujeito encontre seu lugar no grupo, podendo ser escutada por todos, que poderão refletir sobre o que cada um fala (Nobre et al., 2022, p. 8).

Através das crônicas, foi possível depreender pontos de dificuldades dos alunos em criar vínculos, fora do espaço virtual. O celular na mão se impunha como um acessório fundamental, como se somente “lá dentro” eles se sentissem mais à vontade. O distanciamento do ambiente escolar devido às circunstâncias excepcionais de quarentena, gerou uma percepção, agravamento ou conscientização, por parte desses jovens, de problemas em sua saúde mental.

Os documentos mencionam sobre a falta de identificação entre os estudantes de uma mesma turma, o que era evidenciado pela resistência inicial de alguns deles tomarem

a palavra, mas também, indicavam que eles se importavam com o relato do outro, pois apesar de se tratar de relatos individuais, representavam aflições coletivas do grupo. Alguns admitiriam posteriormente que a partir desses relatos, estavam “descobrimo a si mesmo” (Diário de Campo - 23/05/2022, p.41).

Apesar da pouca intimidade, mencionada acima, quando o assunto era sobre a insatisfação com a conduta da escola e professores, principalmente em relação às cobranças de conteúdos que eles não haviam estudado durante a pandemia, a turma, rapidamente se unia e todos concordavam. O fortalecimento dos vínculos afetivos entre o grupo de estudantes ia acontecendo à medida que os encontros iam avançando. Muitos atribuíam, serem esses vínculos, o fator mais importante proporcionado pela escola, em contrapartida às dificuldades de relacionamento com os familiares e com a própria escola.

Se a vida em sociedade é capaz de gerar mal-estar, é nela também que encontramos a capacidade de lidar com as dificuldades por ela imposta. É através da vida em sociedade e integrados criticamente a nossa cultura que podemos adquirir segurança e pertencimento, nos reconhecendo como sujeitos capazes de enfrentar os desafios contemporâneos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É notória a escassez de recursos nessas instituições, contudo, esse fator não impede que a escola esteja aberta para ouvir seus alunos. A escola, na sua função social, deve ser compreendida como um espaço democrático de garantia de direitos e que contribua para a formação de um cidadão crítico e com capacidade de superar as barreiras sociais. Se o isolamento social enfraqueceu os laços, as adversidades vividas por esses jovens podem ser o combustível de fortalecimento dessas relações. Durante o período de isolamento, as redes sociais avançaram velozmente gerando identificação e criando comunidades entre jovens, substituindo ou simulando, por vezes, a necessidade das relações reais. De volta ao chão da escola, os jovens precisam perceber, nesse espaço, a potência desse lugar. Onde ele pode falar, ser ouvido, ampliar sua visão de mundo, se encontrar com o outro e com ele próprio. A escola deve ser parte ativa na construção desses sujeitos de direitos.

Na mesma direção, as políticas educacionais, precisam agir com urgência no sentido de viabilizar, de forma estruturada, a articulação entre os mecanismos da



psicologia e a educação, com soluções coletivas e individualizadas, para estudantes e professores.

A inclusão dos cuidados à saúde mental de alunos e educadores deveria ser incorporada ao plano de educação básica no Brasil e com isso, contribuir para um sistema educacional mais humano e capacitado a enfrentar os desafios e demandas do processo educativo e social contemporâneo.

## **REFERÊNCIAS**

BIRMAN, J. Trauma na pandemia do coronavírus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BIRMAN, J. Sujeito na contemporaneidade: Espaço dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BLOS, P. Adolescência: uma interpretação psicanalítica. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL - Sistemas de ensino precisam cumprir lei e contratar psicólogos e assistentes sociais, cobram especialistas. Agência Câmara de Notícias – Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/966781-sistemas-de-ensino-precisam-cumprir-lei-e-contratar-psicologos-e-assistentes-sociais-cobram-especialistas/> - Acesso em: 18-07-2023

COUTINHO, Luciana Gageiro, A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social? Pulsional revista de psicanálise, São Paulo, 16-23, mar. 2005.

COUTINHO, Luciana Gageiro et al. Desamparo e laços sociais na escola: uma oficina com adolescentes da rede pública. Cad. Psicanálise., Rio de Janeiro, v. 42, n. 43, p. 117-136, dez. 2020. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952020000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000200006&lng=pt&nrm=iso) . Acessos em 16 jun. 2023.

COUTINHO, Luciana Gageiro; FONSECA REGUFE, Paula; MARTINS FARIAS, Leila - Expressões do desamparo na escola vulnerabilidades sociais e impactos na adolescência -Revista de Psicologia, págs. 30-43 - V.13, N.1, 2022 - JANEIRO-JUNHO

DAVID, Célia Maria et al. Desafios contemporâneos da educação. Editora UNESP – São Paulo – SP, 2015.

FREUD, S. (1910). Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio. p. 245-246. (ESB, 11) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. Obras Completas de Sigmund Freud, ESB, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP – Censo Escolar da Educação Básica, 2022- Brasil 2022 - disponível

em:

[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2022/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2022/apresentacao_coletiva.pdf) ;  
Acesso em 19/06/2023

NOBRE, M. et al., Que escola pós-pandemia? – Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5338> - Acesso em 19/07/2023

MACHADO, R.P. A guerra na educação piora a já frágil saúde mental nas universidades.  
In. The Intercept Brasil, 15/10/2019. Disponível em:

<https://theintercept.com/2019/10/14/guerra-universidades-piora-saude-mental/>

MENDES, Marcos Venancio - Adolescência, escola e pandemia: contribuição da  
psicanálise à educação – UFMG – Belo Horizonte - MG - 2021

OLIVEIRA, W. A; SILVA, J.L; ANDRADE, L; DE MICHELE, D; CARLOS, D. M;  
SILVA, M. A - A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review –  
Cadernos de Saúde Pública – Campinas – SP, 2020, disponível em:  
<https://www.scielosp.org/pdf/csp/2020.v36n8/e00150020/pt> - Acesso em: 05/03/2022

PENNA, Olga Ferreira E. Adolescência e Laço social: Escutando Adolescentes na Escola.  
Universidade de Ouro Preto, Mariana, 2016.

RIO DE JANEIRO - SEEDUC/SES/SECTI - Resolução Conjunta Nº 1604 - 03/02/2022  
– disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=427143> Acesso em  
19/06/2023

SILVA, Ricardo Francelino - As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua  
importância para o processo de ensino e aprendizagem: contribuições da teoria de Henri  
Wallon – Tese de Mestrado, UNESP, 2017. Disponível em:  
[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150708/silva\\_rf\\_me\\_assis\\_int.pdf?s  
equence=6&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150708/silva_rf_me_assis_int.pdf?squence=6&isAllowed=y) Acesso em: 01/08/2023

UNICEF BRASIL - Metade dos adolescentes e jovens sentiu necessidade de pedir ajuda  
em relação à saúde mental recentemente, mostra enquête do UNICEF com a Viração.  
Disponível em:

[https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/metade-dos-adolescentes-e-  
jovens-sentiu-necessidade-de-pedir-ajuda-em-relacao-a-saude-mental-recentemente](https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/metade-dos-adolescentes-e-jovens-sentiu-necessidade-de-pedir-ajuda-em-relacao-a-saude-mental-recentemente) ;  
Acesso em: 16-06-2023

UNICEF BRASIL - Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão  
frequentando a escola no Brasil, alerta UNICEF. Disponível em:  
[https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-  
adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil](https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil).